



Universidade de Brasília - UnB

Curso de Bacharelado em Inglês

Yasmin Gomes de Araújo

Cabelo como símbolo de poder feminino
em *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em
Letras: Inglês, do Instituto de Letras da Universidade de
Brasília (UnB), requisito para a obtenção do título de
bacharelado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Roberto Vieira Braga

BRASÍLIA

2018

Dedicatória

Dedico esse trabalho a toda minha família e amigos que me incentivaram e me apoiaram durante toda a pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a toda a minha família pelo apoio incondicional durante todos os anos de graduação e de estudos. Um agradecimento em especial para todas as mulheres de minha família que me ensinam todos os dias o significado de força e empoderamento.

Agradeço também aos meus amigos que me apoiaram durante essa jornada, e me incentivaram a continuar escrevendo essa pesquisa da melhor forma possível.

E, agradeço também a meu orientador, professor Dr.Cláudio Roberto Viera Braga, por me guiar e me ajudar durante todo o processo de iniciação científica.

RESUMO

Neste trabalho, discuto como o cabelo simboliza o empoderamento da personagem Ifemelu no romance *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie, publicado em 2013 pela editora Alfred A. Knopf. A obra, que narra a trajetória de Ifemelu nos Estados Unidos em busca de melhores condições de vida, é analisada sob o ponto de vista do empoderamento da jovem, tendo o cabelo como símbolo feminista. A análise é fundamentada a partir do trabalho de Nádía Regina Braga dos Santos (2015), que ilustra o significado do cabelo para a jovem negra da sociedade atual; a *Microfísica do poder* de Michel Foucault (1979), que caracteriza as diversas formas de manifestação do poder na sociedade; e por meio do trabalho da própria Chimamanda Ngozi Adichie, em seu manifesto *Sejamos Todos Feministas* (2014), no qual a autora caracteriza sua visão sobre o feminismo contemporâneo. Após problematizar os conceitos chave da pesquisa - poder, feminismo e o cabelo como manifestação simbólica de ambos - concluo como a personagem encontra por meio de seu cabelo, um símbolo de aceitação pessoal e força em sua jornada como estrangeira, nos Estados Unidos contemporâneo.

Palavras-chave: poder, feminismo, cabelo

ABSTRACT

In this article, I will discuss how hair symbolizes empowerment for the character Ifemelu in the novel *Americanah* by Chimamanda Ngozi Adichie, published in 2013 by Alfred A. Knopf publishing company. The novel, which narrates Ifemelu's journey as a Nigerian immigrant living in the USA in search of a better life, is analyzed through the female empowerment perspective, having hair as a feminist symbol. The analysis is founded in the works of Nádía Regina Braga dos Santos (2015) which illustrates the meaning of hair to the young black woman in the current society; in Michel Foucault's *Microphysics of Power* (1979) which characterizes the diverse ways that power manifests itself in society; and in Chimamanda Ngozi Adichie's own manifest *We should all be feminists* (2014) in which the author shares her thoughts on contemporary feminism. After discussing the key concepts of the research – power, feminism and hair as a manifestation of both – I conclude by pointing out how the character finds in her hair a symbol of personal acceptance and strength in her journey as a foreigner in the contemporary United States.

Keywords: power, feminism, hair

SUMÁRIO

1. Introdução	pág. 02
2. Fundamentação teórica	pág. 06
3. Metodologia	pág. 09
4. Discussão / Análise	pág. 11
5. Considerações finais	pág. 23
6. Referências bibliográficas	pág. 25

1- Introdução

Em 2013 o mundo voltou sua atenção para uma autora nigeriana que tinha muito a dizer. Todos escutaram, pela voz da cantora americana Beyoncé, em seu hit *Flawless*, parte de um discurso professado pela jovem que se levantava em prol do feminismo. O mundo percebeu, naquele momento, uma figura que vinha apresentando seu poder de contar histórias. Seu nome logo se tornaria símbolo feminista para diversas mulheres ao redor do mundo, Chimamanda Ngozi Adichie. A escritora nigeriana, nascida na cidade de Anambra e criada em Nsukka, é hoje considerada um dos maiores nomes da literatura africana contemporânea.

Seu dom foi despertado cedo, mas não esteve sempre ao seu redor. Seus pais escolheram carreiras universitárias e administrativas que lhe garantiram uma vida confortável. Sua paixão por contar e ouvir histórias a ajudou a visualizar um novo mundo para si, e por isso, aos 19 anos, embarcou em sua jornada de autodescoberta a caminho dos Estados Unidos. Com sua habilidade para contar histórias e seu domínio sobre a língua inglesa, completou seus estudos em algumas das melhores universidades do país. Assim, começou uma carreira prolífica e incisiva que hoje conta com um acervo composto de premiados romances e contos que narram, com uma perspectiva direta e realista, questões sociais, históricas e políticas.

Em 2003, seu romance de estreia, *Purple Hibiscus* (intitulado *Hibisco Roxo* no Brasil), recebeu notoriedade pela forma simples de abordar temas como religião e pós-colonialismo. Publicado pela editora Algonquin Books, a narrativa foca a vida da jovem Kambili e em sua vida familiar no contexto pós-colonial nigeriano. Sua obra de *debut* recebeu diversas honrarias, incluindo o prêmio Hurston-Wright Legacy Award 2004 na categoria de melhor estreia de ficção.

Três anos depois a autora voltou a chamar a atenção dos críticos, apresentando o seu segundo romance, *Half of a Yellow Sun* (*Meio Sol Amarelo*). O romance descreve a guerra de Biafra pela perspectiva de cinco personagens que interagem com os eventos históricos alocados como pano de fundo do romance. A obra ganhou projeção maior que seu romance de estreia, garantindo a autora o Orange Prize for Fiction de 2007 - estimado prêmio literário

britânico destinado a romances escritos por mulheres em língua inglesa. Além disso, o romance foi incluído na prestigiada lista de *best-sellers* do jornal americano *The New York Times*, recebendo críticas positivas do jornalista Rob Nixon que afirmou que a obra ‘navega com a história do nosso tempo destruído pela guerra, não pela analogia abstrata, mas pela energia vibrante, e as vezes assustadora do detalhe’ (NIXON, 2006)¹.

Em 2009 a autora apresentou novamente seu talento especial para narrativa. Ela foi descrita por Chinua Achebe como uma sábia contadora de histórias e ele não poderia estar mais certo. Adichie encantou o mundo literário ao lançar sua primeira coletânea de contos, *The thing around your neck (No seu pescoço)* que apresenta uma série de contos que narram, por perspectivas distintas, um pouco da vida na sociedade nigeriana e estadunidense, enquanto destaca alguns temas recorrentes no trabalho da autora como posição social da mulher, racismo e identidade. Nesse mesmo ano fez sua primeira aparição no ciclo de palestras TED. Na conferência, expôs sua visão sobre os perigos das narrativas estereotipadas, com sua fala intitulada *The dangers of a single story (o perigo de uma história única)*.

Em 2013, seu romance *Americanah* apresentou-se ao universo literário contemporâneo como uma fonte de diálogo consciente sobre assuntos complexos como raça, imigração e feminismo. O livro recebeu diversos prêmios literários como o *National Book Critics Circle Award*, além de encabeçar a lista de *best-sellers* do jornal *The New York Times* em seu ano de lançamento. A notoriedade da obra fora alavancada pela participação da autora no prestigiado círculo de palestras TED Talks, onde ela marcou sua participação pública ao apresentar seu manifesto *We should all be feminists (Sejamos todos feministas)*. Neste, a autora declara porque mulheres e homens deveriam orgulhar-se em serem chamados de feministas. No ano seguinte, a cantora norte-americana Beyoncé adicionou no videoclipe de sua música *Flawless* trechos do discurso de Adichie que define e declara o significado do termo feminismo como “igualdade social, política e econômica entre os sexos” (ADICHIE,2012,p.58). Em 2014, seu discurso fora adicionado à sua lista de obras ao ser publicado pela editora Fourth Estate.

¹ Tradução livre para: speaks through history to our war-wrecked age not through abstract analogy but through the energy of vibrant, sometimes horrifying detail (NIXON, Rob. A Biafran story. 2006.)

Ela retornaria em 2017 com um novo manifesto, adaptado de uma carta escrita para uma amiga. A obra *Dear Ijeawele, or A Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions* (em português - *Para educar crianças feministas, um manifesto*) apresenta algumas sugestões da escritora para uma amiga, de como criar uma menina fugindo de estereótipos de gênero e dando munição suficiente para que ela se torne uma mulher forte e independente.

Com pouco mais de quinze anos de carreira, a autora se apresenta como um dos grandes nomes da literatura contemporânea mundial. Suas obras conseguiram atrair diferentes públicos para assuntos que permeiam identidade, história, política e feminismo. Essa pesquisa terá como foco o romance *Americanah*. Mesmo com um conjunto de obra tão completo e significativo como o trabalho de Adichie, a escolha da obra se deu, em parte, pelo grau pessoal de relação com a narrativa. O romance destaca diversos temas relevantes ao cânone literário contemporâneo, e encanta por sua objetividade narrativa ao tratar temas complexos como racismo e imigração. A obra é estruturada em sete partes que comportam cinquenta e cinco capítulos de narrativa.

Em seus capítulos, a história da jovem Ifemelu é desenhada de forma a mapear a jornada de vida desde seus anos iniciais na Nigéria até sua vida nos EUA como uma bolsista na universidade de Princeton em New Jersey. A narrativa segue sua vida de forma não cronológica e intercala seus capítulos apresentando fatos ocorridos no passado de Ifemelu, que de alguma forma, a ajudaram a chegar onde está no presente. Além de sua jornada, o leitor é apresentado a seu amor de infância Obinze que embarca em uma jornada diferente da de Ifemelu. O personagem representa uma outra face da vida imigrante, além de delinear a vida cosmopolita nigeriana.

O lançamento de *Americanah* coincidiu com o discurso da autora sobre feminismo. Seu trabalho elevou a voz de sua personagem e trouxe um novo público para o seu romance. A escolha de tal se deve pela relevância social que a obra apresenta ao elevar o discurso sobre feminismo, identidade e imigração. A visão da autora, incorporada a voz da personagem Ifemelu, reflete muito sobre a força da mulher negra na literatura contemporânea e sua busca por pertencimento.

A obra abrange o contexto histórico da eleição do presidente americano Barack Obama, em 2008. A publicação ocorreu no ano de início do segundo mandato do presidente

americano, figura pela qual Adichie tem admiração pessoal. Ter a figura do presidente em sua narrativa, ajudou a autora a discutir o tema de raça dentro dos EUA e fez sua personagem avaliar questões raciais pelo olhar estrangeiro. A eleição do primeiro presidente negro da história do país traz à tona a posição do negro para a sociedade americana e seu discurso sobre raça. A autora concatena a narrativa de Ifemelu com o contexto do país que eleva um homem negro a maior posição de poder no mundo, enquanto subjuga e aprisiona mulheres negras, reduzindo-as a estereótipos. A personagem ganha a valiosa habilidade de criticar os dilemas raciais que compõem o mundo que ela está inserida, mas no qual ela não é considerada como parte integrante. Sua posição de observadora é garantida por seus status de estrangeira.

Neste trabalho abordo o processo de empoderamento feminino da protagonista de *Americanah*, que se encontra em posição de autodescoberta e que necessita de resiliência para conseguir seguir seu caminho e alcançar sucesso em seu novo país. Discuto como seu cabelo é o símbolo de sua trajetória e reflexo direto do seu empoderamento como mulher.

1- Fundamentação Teórica

Conceituar relações de poder na sociedade é uma tarefa que filósofos tentam realizar a muito tempo. Inicialmente, compreendia-se as relações de poder, socialmente, como estrutura de relações restritas ao governo de Estados-nações. Nesse contexto, o poder “é a capacidade que tem o Estado para obter obediência dos seus súditos” (ALBUQUERQUE, 2005,p.106). A concepção foi amadurecida por séculos na busca de uma compreensão mais clara do que é o poder e como tal se manifesta na sociedade. Michel Foucault, filósofo francês do século XX, apresentou ao mundo a concepção de poder que mais explica a relação humana da forma que é vista hoje. Foucault concluiu que o poder é um conjunto de relações. Como Albuquerque (2005) analisou:

Em vez de coisas, o poder é um conjunto de relações; em vez de derivar de uma superioridade, o poder produz a assimetria; em vez de se exercer de uma forma intermitente, ele se exerce permanentemente; em vez de agir de cima para baixo, submetendo, ele se irradia de baixo para cima, sustentando as instâncias de autoridade; em vez de esmagar e confiscar, ele incentiva e faz produzir. (ALBUQUERQUE, 2005.p. 109)

As relações de poder encontram respaldo nas relações humanas, mesmo que tais pareçam ser de baixo impacto em sua base de estabelecimento. Assim, o indivíduo é o resultado imediato dessas relações de poder (DANNER, 2009) e o resultado é uma prática social, constituída historicamente (AMORIM; PEREZ, 2010) que exerce a funcionalidade do poder (DANNER, 2009). A garantia da perpetuação das relações de poder é a prática social, pois instituições e leis podem ser destruídas, mas tais práticas fundadoras do poder, serão reconstruídas, imanentes que são à condição humana. O poder é simultaneamente central e periférico, funciona porque é controle e seu objeto final é o corpo do indivíduo. (AMORIM; PEREZ, 2010)

As relações de poder cercam os indivíduos em todas as instâncias, encurralando-os de forma a apresentar resultados negativos para aqueles marginalizados pelos padrões de comportamento impostos pela prática social dominante. Para superar tal, o indivíduo ou grupo possui a capacidade de transformar as relações de poder e inverter assertivas de negatividade que geram mudança e resultam em movimentos de empoderamento. Segundo Horochovski e Meirelles (2007), o empoderamento se constitui de organizações e comunidades responsáveis, mediante um processo no qual os indivíduos que as compõem

obtem controle sobre suas vidas e participam democraticamente no cotidiano de diferentes arranjos coletivos e compreendem criticamente seu ambiente (HEROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007). Assim, o empoderamento irá surgir na forma de reação a natureza assimétrica da prática social do poder na manutenção da ordem política e cultural.

As relações de poder, quando tiradas do plano teórico, podem ser analisadas a partir da forma que são descritas e por aqueles que as descrevem. Relações de poder são associadas a grupos que historicamente dominam e controlam a forma que as normas de práticas sociais são moldadas. Quando essas relações são pensadas de forma personificada, é possível observar um padrão de narrativa histórica de poder que é moldada a partir de relações de gênero. Por relações de gênero entende-se os papéis designados historicamente e socialmente para homens e mulheres¹. Essa relação de poder molda a forma que a sociedade associa o poder ao homem (em sentido físico e político) e desassocia tal da mulher por ocupar um papel contrário aos que os homens ocupam dentro de contextos de práticas sociais contemporâneas.

Nesse contexto, o que é visto é um crescente movimento que visa (re)calibrar essas relações de poder, de forma a inverter uma relação que está desequilibrada a muito tempo. Essa prática, constituída historicamente, revela a desvalorização feminina, processo estabelecido por meios culturais, que como o poder, ressoa dentro do meio social. A cultura, como descrita por Chimamanda Ngozi Adichie “funciona, afinal de contas, para preservar e dar continuidade a um povo” (ADICHIE, 2014.p.56). Assim ela também coloca que a “cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura” (ADICHIE, 2014.p.57).

Assim, o que é visto é um movimento de empoderamento feminino, no sentido de autonomia feminina, e na perspectiva emancipatória, que angaria recursos que permitam às mulheres terem voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão. (HEROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007).

¹ Texto de apoio do seminário de aprofundamento do trabalho com gênero no pré-gavião, *Gênero e sua aplicabilidade*, elaborado por Elizete Passos.

O termo empoderamento, com conotação política emancipatória aqui assumida, foi ouvido pela primeira vez no início dos anos 60, ainda no original inglês *empowerment*, tendo como seus emissores principais movimentos feministas e negros. Tais movimentos escalaram diversos símbolos que refletiriam, anos depois, seus movimentos. Um símbolo possui uma capacidade de representação que não se mostra óbvia para todos, mas como afirma Ribeiro (2010), citando Chevalier (2001):

O símbolo separa e une, comporta as duas ideias de separação e de união; evoca uma comunidade que foi dividida e que pode se reagrupar. Todo signo comporta uma parcela de signo partido; o sentido do símbolo revela-se naquilo que é simultaneamente rompimento e união de suas partes separadas. (RIBEIRO, 2010, apud CHEVALIER, 2001.p.21)

Tanto os movimentos feministas quanto os negros dos anos 60 e 70 conseguiram criar símbolos identitários que são reconhecidos até hoje. Um deles, talvez um dos mais marcantes, seja o cabelo. O simbolismo do cabelo agiu como uma arma de empoderamento durante os anos 60, como o movimento *Black Power*. O mesmo foi precursor do “questionamento relativo à imposição de alterar a estrutura do cabelo de mulheres negras através do alisamento para adequarem-se aos padrões europeus de beleza que implicam mulheres com cabelos perfeitamente lisos” (SANTOS, 2015, p.3).

Assim, é possível observar que as relações de poder podem ser estabelecidas socialmente e implicam a forma com que os papéis de gênero são determinados. O caminho de superação da ordem de poder estabelecida é feito com movimentos de empoderamento que vão contra o que a sociedade impõe. Em tais, minorias lutam para fazerem suas identidades serem respeitadas e compreendidas. Movimentos de empoderamento feminino buscam dar voz às mulheres, que foram silenciadas e marginalizadas por seu gênero e por seus deveres sociais. Na jornada para o encontro com o poder que fora usurpado socialmente, muitas voltam a (re)apropriar-se de símbolos que antes eram usados como forma de opressão. Um grande exemplo de tal é o poder do cabelo feminino, que sendo encaracolado ou não, possui significância social no papel da mulher contemporânea.

2- Metodologia

Essa pesquisa possui como tema central o cabelo da personagem Ifemelu no romance *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie como símbolo de empoderamento feminino dentro da narrativa. A história da personagem é refletida por sua relação de aceitação ou modificação de seu cabelo. Conforme a narrativa é desenvolvida, e graças ao recurso não cronológico de narração, o cabelo da personagem reflete seus momentos de busca por aceitação de sua própria beleza e posição social, refletindo assim seu crescimento pessoal e força feminina. Para suporte da perspectiva interpretativa dos pontos centrais desta pesquisa - poder, cabelo e feminismo - a discussão é guiada com apoio na problematização distinta de cada um, para somente então serem acoplados ao corpus literário.

Inicia-se com a discussão sobre a conceituação de poder e empoderamento. Para tal, a fundamentação básica, sob a luz dos trabalhos de Michel Foucault e suas conclusões acerca das relações de poder. A microfísica do poder (FOUCAULT, 1979) define que as relações de poder são estabelecidas em todas formas de relações humanas e em qualquer contexto que tais se encontrem. Para melhor dispor de perspectivas e interpretações das palavras de Foucault, conta-se com o artigo “A genealogia do poder em Michel Foucault” de Fernando Danner (2009) e “Michel Foucault e a Teoria do Poder” de José Augusto Guilhon Albuquerque (1995). Após estabelecimento de tal, o conceito de empoderamento será trabalhado sob a ótica do trabalho de Horochovski e Meirelles no artigo “Problematizando o conceito de empoderamento” (2007), fonte que coloca em perspectiva o conceito de empoderamento em diferentes contextos de uso.

Após compreender a perspectiva de poder e empoderamento traçados na discussão inicial, é iniciada a análise de tais conceitos aplicados a ideia do poder associado às mulheres por meio do feminismo. Para discutir a conceituação e aplicabilidade de tal conceito no contexto da personagem principal da narrativa estudada, uma jovem negra habitando a sociedade contemporânea, será usado como pilar principal a obra *Sejamos Todos Feministas* (2014) da autora Chimamanda Ngozi Adichie, junto com seu manifesto *para educar crianças feministas* (2017). Além disso, a discussão terá breve apoio no trabalho de Angela Davis e sua obra *Mulheres, cultura e política* (1989) a contextualização sobre o empoderamento das mulheres negras nos EUA (1989).

O último pilar da pesquisa é o cabelo como símbolo que reflete o poder feminino. Para-se compreender o papel significativo do símbolo dentro da narrativa, será necessário compreender antes o que o cabelo representa para jovens, que assim como Ifemelu no romance, encontram seu poder em comunidades online que enaltecem o poder do cabelo natural. Para suporte, será usada a tese de Nádia Regina Braga dos Santos (2015) “Do black power ao cabelo crespo: a construção da identidade negra através do cabelo” que discute como comunidades online promovem campanhas de aceitação e apoio para jovens negras que sofrem com o dilema social do cabelo cacheado e por último o artigo “Estética Afro-diaspórica e o empoderamento crespo” de Ivanilde [Ivy] Guedes de Mattos (2015) que coloca em perspectiva “diversos movimentos estéticos que identificam os cabelos como fios condutores de novas identidades”(MATTOS, 2015,p.37).

O trabalho apoiado com as fontes citadas irá contribuir para adicionar camadas de ressignificação para o trabalho de Chimamanda Ngozi Adichie. Sua obra multicultural traz consigo camadas de significados que esconde contribuições sociais nas discussões sobre raça, feminismo, estereótipos e outros. Tais fontes salientam a forma que a literatura possui ressonância social ao discutir temas que são universais e contemporâneos.

3- Discussão/Análise

1. Sobre empoderamento

O poder emana de tudo e de todos. Essa frase, resumidamente, descreve o pensamento sobre o tema na visão do filósofo francês Michel Foucault. Ele observou que nada aprisiona mais o ser humano do que o poder, pois esse é uma rede invisível que une todas as relações humanas, e por isso, não pode ser desassociada do indivíduo. O filósofo concluiu que a existência das relações humanas é apoiada na manutenção de uma rede de micro-poderes, articulados, que perpassam toda estrutura social (DANNER, 2009, p.787).

Por micro-poderes compreende-se imensuráveis manifestações de relações sociais, assimétricas, que apoiam a manutenção de uma estrutura maior de poder. A autoridade do Estado tem sua base em pequenas relações de micro-poderes que são vivenciadas pela base fundadora das relações sociais, o indivíduo. Segundo Danner (2009), o trabalho de Foucault sobre poder tem por objetivo mostrar que “não existem sociedades livres de relações de poder. Os indivíduos são o resultado imediato dessas relações” (DANNER, 2009, p.786). Com essa perspectiva, é possível concluir que:

O poder não pode ser visto como um processo global e centralizado de dominação que se exerceria em diversos setores da vida social, mas sim que funciona como uma rede de dispositivos ou mecanismos que atravessam toda a sociedade e do qual nada nem ninguém escapa. (DANNER,2009, p.787)

Assim, o poder existe como algo centralizado ou material. Este é algo que se exerce, efetua, que funciona em rede e que deve ser entendido como manobra, tática ou estratégia (DANNER, 2009, p.789). Essa perspectiva sobre poder coloca em foco a forma que esta estratégia de organização social possui a capacidade de moldar o meio em que as relações sociais são estabelecidas. Isso significa que a relação de poder vigente, determina padrões a serem seguidos em questões de comportamento, pensamento, vestuário e afins.

O maior problema com essas determinações é que, elas excluem todos os aspectos que não condizem com padrão determinado pelas relações de poder estabelecidas. As determinações de poder recaem sobre o indivíduo, que vai necessitar de adaptação para continuar a pertencer como parte constituinte das relações de poder vigentes. Quando o indivíduo ou grupo opta por não seguir um padrão determinado e mantém suas perspectivas

peçoais sobre si, essa ação segue o movimento contrário do poder previamente estabelecido. Assim, existe um movimento de resistência que busca impulsionar a força estabelecida, em direção contrária. Segundo Foucault, as resistências:

[...] não se reduzem a uns poucos princípios heterogêneos; mas não é por isso que sejam ilusão, ou promessa necessariamente desrespeitada. Elas são o outro termo das relações de poder; inscrevem-se nestas relações como o interlocutor irreduzível. (FOUCAULT, 1976, p.89)

Com isso, seguindo Danner (2009) é possível concluir que os movimentos de resistência farão parte da base das relações de poder, como um “confronto belicoso das forças sociais em antagonismo constante.” (DANNER, 2009, p.790). Por essa concepção, os movimentos de resistência geram um movimento de empoderamento que busca balancear e mudar a estrutura das relações de poder, colocando destaque nos indivíduos ou grupos que tentarem recuperar o seu status de pertencimento ao grupo social por causa de características consideradas fora do padrão, mas que carregam consigo traços identitários individuais e de grupos específicos.

O movimento de empoderamento busca disponibilizar ao indivíduo ou grupo marginalizado ferramentas que possam ser usadas para resistir. De acordo com Horochovski e Meirelles (2007), o empoderar, com o intuito de resistir, pode ser definido da seguinte forma:

Numa perspectiva emancipatória, empoderar é o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão. Nesse sentido, equivale aos sujeitos terem poder de agenda nos temas que afetam suas vidas. Como o acesso a esses recursos normalmente não é automático, ações estratégicas mais ou menos coordenadas são necessárias para sua obtenção. (HEROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007, p.486)

Uma das formas que a resistência escolhe para se empoderar é lutar contra as denominações estabelecidas pelas relações de gênero que são impostas socialmente. As relações de gênero precisam ser compreendidas de acordo com o contexto histórico e social, mas ainda, estas possuem a capacidade de ditar a forma como os gêneros masculinos e femininos devem se comportar dentro da sociedade. Assim, as relações de poder se manifestam por meio de imposições sociais sobre os gêneros. São associados a homens e

mulheres ‘manuais’ de comportamento que ditam a forma que cada um deve agir dentro do meio social. De acordo com Passos (2000):

A sociedade espera que pessoas do sexo masculino tenham atitudes consideradas masculinas, entre elas que sejam expressivos, desinibidos, corajosos e as do sexo feminino aquelas que são tidas como adequadas ao seu sexo: afetuosas, delicadas, submissas. É muito difícil as pessoas fugirem desses padrões, porque a influência da sociedade é muito forte sobre elas. (PASSOS, 2000, p.4)

Essa forma de compreender papéis de gênero, se deve em grande parte, pela perpetuação de estereótipos que cercam essas relações e a forma como são mantidas. De acordo com Adichie (2014),” se repetirmos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal.” (ADICHIE, 2014, p.16) E, seguindo, Adichie (2014) complementa afirmando que “o problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos.” (ADICHIE, 2014, p.41)

As características associadas aos homens e mulheres, de como cada um deve agir alimenta as relações sociais e apoia a estrutura de poder vigente. Quando um dos dois gêneros busca resistir e ir contra a forma de comportamento imposta, recebe a força contrária do poder sobre si, e assim, é seu dever resistir a tal. O empoderamento, nesse caso, acontece quando indivíduos ou grupos se levantam contra essas imposições e afirmam querer igualdade e não conformidade.

Em uma busca por igualdade, as mulheres, que normalmente são mais oprimidas socialmente, sendo imposto a tais, formas de conformismo e adequação social que se encaixam na base de poder dominante, quase sempre formada por um homem. O movimento de empoderamento que busca a igualdade das mulheres é denominado feminismo. Adichie (2014) o define como “Feminista: uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos” (ADICHIE, 2014, p.58). E adiciona “feminista é o homem ou a mulher que diz: “sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar”. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar” (ADICHIE. 2014.p.59).

O feminismo busca a simples faceta de tornar a mulher um ser humano respeitado por suas decisões, opiniões e ações. A busca é pela simples humanização de todo um grupo de indivíduos que foram marginalizadas, e forçadas a se conformar com tudo que a sociedade

impõe como aceitável. Foucault (1979) afirma “não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos” (FOUCAULT, 1979, p.82). A pressão do poder social exerce sob as mulheres padrões impossíveis que são impostos de forma a nunca as tirar da rota de busca pelo conformismo e apoio de tal. O corpo feminino é examinado e julgado e feito refém de modelos de beleza a serem seguidos. Seus corpos, desde seus pés, até os cabelos que cobrem suas cabeças, devem seguir padrões impostos.

O cabelo possui atrelado a si a simbologia da representação e auto expressão. Este diz muito sobre a personalidade de quem o exhibe, e sobre as visões de mundo que professa. Estes podem significar tanta resistência quanto complacência ou simples gosto pessoal; o cabelo possui a capacidade de representar uma visão política e ditar moda. Mas, além de tudo, o cabelo tem o poder de libertar um indivíduo e fazê-lo sentir-se pertencente a um grupo.

A possibilidade de ter o cabelo como símbolo de resistência surge na década de 1960 com o advento do movimento *Black Power* nos EUA. Em busca de valorizar a beleza do negro, o movimento surge para elevar outro tipo de beleza, que não era vista como bela e que fugia do padrão eurocêntrico (SANTOS,2015). Segundo Santos (2015), citando Hooks (2005):

Foi nesse momento em que os penteados afros, principalmente o *black*, entraram na moda como um símbolo de resistência cultural à opressão racista e fora considerado uma celebração da condição de negro (a). Os penteados naturais eram associados à militância política. (SANTOS, 2015 apud HOOKS. 2005. p.2)

Assim, o movimento *black* começa um processo de (re)apropriação da beleza natural e de elevação e empoderamento do negro como belo por meio do slogan “*black is beautiful*”. A ideia de pertencimento a um grupo que aprecia as características que distinguem esse grupo, sem precisar de aval da maioria daqueles que detém o poder de escolher o que é o belo, torna esse movimento ainda mais significativo. Assim, o cabelo possui a característica de símbolo pois “evoca uma comunidade que foi dividida e que se pode reagrupar” (CHEVALIER, 2001, p.21). O cabelo possui o poder de simbolizar um movimento de empoderamento e representatividade que vai além das barreiras do tempo e da história.

2 Sobre *Americanah*

O romance *Americanah* fomenta um diálogo socialmente relevante ao ilustrar o conceito de poder. A obra coloca em evidência a forma que a relação de poder social força o indivíduo a adequar-se a padrões impostos socialmente, que apoiam a ordem de poder estabelecida. No romance, Ifemelu é uma jovem que, em busca de uma melhor situação de vida, se muda para os EUA. O novo país é visto por ela como o oásis mostrado nos comerciais de TV, que espelham o mundo que ela ansiava, que correspondia a tudo que era diferente de seu próprio país:

Ifemelu ansiava pela vida que mostravam, cheia de alegria, onde todos os problemas tinham soluções cintilantes na forma de xampus, carros e comidas embaladas. Em sua mente, eles se tornaram a América real, a América que ela só conheceria quando se mudasse no outono para a faculdade. (ADICHIE, 2013, p.125)

Ifemelu anseia por algo que ela não conhece concretamente, que na verdade é apresentado apenas na mídia. Ela acha que ir para a faculdade irá levá-la para a “verdadeira América” (ADICHIE,2013, p.133), mas na realidade a faz começar a conhecer o impacto da cultura sobre o indivíduo. Ao adentrar o mundo da cultura americana, Ifemelu começa a perceber traços que a confundem e surpreendem ao mesmo tempo. Ela percebe, com estranhamento, que a ordem social condiciona os indivíduos a agirem e pensarem de forma similar. No caminho da universidade, Ifemelu encontra sua antiga amiga de escola, Ginika e o encontro com ela mostra a face americanizada da colega. Tal mostra a Ifemelu que sua colega compreende e se adapta as *cues* sociais comuns na América, como pode ser visto abaixo:

Ifemelu estava observando Ginika (...) com uma garrafa de cerveja na boca e as palavras com sotaque americano simplesmente saindo, e ficou impressionada ao ver como ela tinha ficado parecida com as amigas que fizera naquele país. (ADICHIE, 2013, p.135 e 136)

Ifemelu observa que a cultura dominante do país requer adaptação para que haja pertencimento, pois quando “as pistas culturais haviam penetrado sua pele” (ADICHIE,2013,p.136) parte de sua colega havia deixado de ser quem uma vez foi. Agora ela era uma *Americanah*. O termo “pejorativo representa a adequação aos padrões

americanos, bem como as consequências geradas a partir disso – afetações e maneirismos no sotaque, negação da língua nativa, mudança de costumes e hábitos” (PAUL, 2016).

A tia de Ifemelu, Uju, passa por um processo similar, mas precisa se adaptar ainda mais por não ter a fluidez da juventude como vantagem a seu favor. Sua adaptação é um pouco mais demorada e difícil. Sua adaptação, para pertencer, implica necessariamente modificar sua aparência. Para fazer sua entrevista de emprego ela declara:

“Vou ter que desfazer minhas tranças para a entrevista e fazer relaxamento no cabelo. Kemi disse que não devo usar tranças na entrevista. Eles acham que você não é profissional se tem o cabelo trançado”. (ADICHIE, 2013, p. 130)

A reação de Ifemelu ao comentário de sua tia mostra que ela não está em completa sintonia com as exigências sociais que a América lhe apresenta. Ela questiona as imposições culturais com seu ponto de vista de imigrante, indagando “Então não existem médicas de cabelo trançado nos Estados Unidos?” (ADICHIE, 2013, p.130). Um estranhamento similar acontece quando se encontra com sua amiga Ginika e o assunto peso é trazido à tona. As duas comentam as diferentes formas que o peso é visto nos EUA e na Nigéria:

“Sabia que eu comecei a perder peso assim que vim para cá? Cheguei perto da anorexia (...). Você sabe como, na Nigéria, quando alguém comenta que você perdeu peso é uma coisa ruim? Aqui, se alguém diz que você perdeu peso, é preciso agradecer. (ADICHIE, 2013, p.134)

O que tais fragmentos indicados são os primeiros contatos de Ifemelu com a cultura americana e as primeiras vezes em que a cultura causa estranheza nela. Por ora, existe um olhar de distanciamento e falta de compreensão dos sacrifícios feitos por essas mulheres para se sentirem parte da cultura e não serem invisíveis por não pertencerem ao padrão. Ifemelu começa a compreender mais claramente quando ela é colocada na berlinda e precisa tomar a decisão de pertencer ao padrão para ser aceita e então poder arrumar um emprego. Ela recebe o mesmo conselho que fora dado à sua tia “Quando ela falou da entrevista em Baltimore, Ruth disse: “Meu conselho? Tire essas tranças e alise o cabelo. Ninguém fala dessas coisas, mas elas importam. A gente quer que você consiga esse emprego” (ADICHIE, 2013, p.220)

O processo de Ifemelu de compreensão da sociedade em que está inserida demora um pouco, mas quando ela finalmente compreende, se curva a tal por necessidade. O processo

de opressão de identidade é silenciosamente feito pela sociedade e ela o faz numa tentativa de adequar-se a uma sociedade que na verdade deveria adequar-se a ela (SANTOS, 2015, p. 3).

A personagem, ao alisar o cabelo, entra em um ciclo vicioso e conformista que compreende que precisa fazer o necessário para pertencer e sobreviver. Ela começa a alimentar uma indústria que valoriza o poder do cabelo liso, mais próximo do cabelo de uma pessoa branca, possível. A técnica do alisamento alimenta toda a indústria da beleza, que lucra muito com tal. Segundo Santos (2015), citando o trabalho de King (2015):

[...] a técnica do alisamento influenciou de tal forma a indústria da beleza, que acabou subordinada a mesma e ao poder econômico, “o saber técnico do alisamento desenvolveu-se de acordo com a história da construção do corpo e de seus padrões de beleza [...] e novas necessidades em matéria de alisamento foram criadas” (SANTOS, 2015, p.17 apud KING, 2015, p.6)

Por conveniência social, toda uma indústria lucra com o sofrimento de mulheres que são submetidas a tratamentos doloridos e agressivos. Ifemelu passa por esse processo quando precisa se adaptar ao padrão:

Havia uma variedade imensa de relaxantes, caixas e mais caixas na seção de ‘cabelo étnico’ da farmácia, com fotos de mulheres negras sorrindo com cabelos impossíveis de tão lisos e brilhantes ao lado de palavras como ‘botânico’ e ‘aloe vera’, que prometiam um processo suave. (ADICHIE, 2013, p.220)

E o que ela sente, ao usar tais produtos é uma dor justificável, que a faz parecer branca. Esse fato pode ser comprovado na passagem “[...] o relaxante não pegou. Essa foi a palavra – ‘pegou’ - que a cabelereira da zona oeste da Filadélfia usou. “Arde um pouco, disse a cabelereira, mas olha como está bonito. Uau, menina, você está com um balanço de branca!”. (ADICHIE, 2013, p.221)

De repente, com essa mudança, Ifemelu estava pronta para adentrar o mundo americano aceitável. Um em que, nas palavras de tia Uju, “os brancos acham que todo nós [negros] somos parecidos” (ADICHIE, 2013, p.132). A personagem começa a ter consciência da adequação necessária que precisa ser feita e também compreende claramente a que padrão ela precisa se adaptar, o da mulher branca: “[...] preciso parecer profissional nessa entrevista, e profissional quer dizer liso, mas se for encaracolado, que seja um cabelo encaracolado de

gente branca, cachos suaves ou, na pior das hipóteses, cachinhos aspirais, mas nunca crespo.” (ADICHIE, 2013, p.222)

Esse processo de adequação não a torna menos mulher negra, pois o fato de algumas mulheres alisarem os cabelos não as fazem menos negras do ponto de vista da consciência de raça (MATOS, 2015, p. 43), mas o que está acontecendo é a sua adaptação e concessão ao poder dominante. Ela compreende que é necessário se adaptar pois não encontra apoio social, de um grupo, que a permita ser ela mesma.

O seu senso crítico começa a aflorar quando submetida a esse processo. Ao ser aprovada em sua entrevista, ela se pergunta se teria conseguido “se ela tivesse entrado naquele escritório com a coroa espessa e crespa que Deus lhe dera, seu afro” (ADICHIE, 2013, p.222).

Além disso, ela começa a sentir na pele, literalmente, a dor de ter que se adequar a uma sociedade em que as relações de poder não apreciam a individualidade e diferença da mulher negra. O que começa a acontecer é uma reação fisiológica ao processo químico que ela se submeteu:

[...] o cabelo de Ifemelu começou a cair na altura das têmporas. Ela o encheu com condicionadores espessos e cremosos e postava-se embaixo de secadores profissionais a vapor até gotículas de água começarem a lhe escorrer pelo pescoço. Ainda assim, seu cabelo foi ficando mais ralo a cada dia. (ADICHIE, 2013, p.226)

A sua reação física ao processo começa um ciclo interno de rejeição aos padrões que são impostos a ela. Com o seu cabelo caindo, um conselho de amiga começa a fazer sua estrutura capilar e a forma que ela observa seu cabelo, mudar. Ela ouve de sua amiga, Wambui, que deve lutar contra esse processo por causa dos danos “[...]você sabe o que tem num relaxante? Essas coisas matam. Tem de cortar o cabelo e deixa-lo natural.” (ADICHIE, 2013, p.226).

O conceito de natural não era algo que Ifemelu estava acostumada a pensar sobre, tanto que o cabelo de sua amiga lhe causava estranheza e a fez avaliar os “caracóis curtos” (ADICHIE, 2013, p.222) de Wambui como algo que ela não gostava e que não valorizava a beleza da amiga. Ela alerta Ifemelu da direção que ela está decidindo seguir ao alisar seu

cabelo: “Relaxar o cabelo é que nem ser preso. Você fica numa jaula. Seu cabelo manda em você. [...] está sempre lutando para fazer seu cabelo ficar de um jeito que não é o normal dele. Se o deixar natural e cuidar bem dele, vai parar de cair.” (ADICHIE, 2013, p.226)

Wambui é a responsável por apresentar um novo mundo para Ifemelu, um em que é possível tratar seus cabelos encaracolados da forma correta. Ela aconselha “entre na internet.FelizComEnroladoCrespo.com. É uma comunidade sobre cabelo natural. Você vai se inspirar” (ADICHIE, 2013, p.228). Essa informação aos poucos muda o pensamento de Ifemelu, que encontra o que precisava, uma comunidade que a acolhe e a faz se sentir segura. Ela encontra o amparo para ser ela mesma, e o sentimento é inigualável:

[...] elas tinham longos *dreads*, afros curtos, afros grandes, cabelos torcidos, tranças, cachos imensos e chamativos. Chamavam relaxante de ‘crack cremoso’. Estavam cansadas de fingir que seu cabelo não era o que era, cansadas de correr da chuva e fugir do suor. Elogiavam as fotos umas das outras e terminavam comentários mandando abraços. [...] esculpam para si mesmas um mundo virtual onde seu cabelo enrolado, crespo, pixaim e lanudo era normal. E Ifemelu caiu nesse mundo transbordando gratidão.” (ADICHIE, 2013, p.230)

Essa comunidade possui em si o poder de apreciar a originalidade das mulheres que a compõem, é “um movimento de mulheres negras” (ADICHIE, 2013, p.231), um movimento que garante a apreciação dessas mulheres; garantia que a sociedade não oferece a tais mulheres. Assim, elas se ajudam a subir, e se sustentam, apoiando umas às outras e destacando a beleza natural de cada uma. Este é um movimento simples, mas que traz para cada membro da comunidade um sentimento de pertencimento que as encoraja a desbravar o mundo mostrando suas verdadeiras faces. Como Santos (2015) destaca:

Pode-se observar um processo de empoderamento das mulheres através da livre decisão de voltar ao cabelo natural e no sentido de ir contra a postura dominante que tem feito essas mulheres mudar a estrutura dos seus cabelos para se adequar a um padrão de beleza que oprime sua ancestralidade africana [...]. (SANTOS, 2015, p.6)

Seu encontro com a sua verdadeira eu, aquela que ela não estava acostumada a apreciar, traz a Ifemelu um poder autêntico, um que genuinamente a representa. Ela começa a se amar de forma genuína por meio de seu cabelo, “ela enfiou os dedos em seu cabelo, denso, esponjoso e glorioso, e não conseguiu imaginá-lo de outro jeito. Ifemelu simplesmente se apaixonou por seu cabelo” (ADICHIE, 2013, p.232).

Assim, sua representação a capacita lucrar com a segurança que ganhou em ter seus cabelos devolvidos a si mesma. Ela começa sua carreira como blogueira de sucesso, e assim, seu processo de se perceber dona de si, sem ter medo de enfrentar a sociedade, está completo. Seu blog nasce de sua necessidade de verbalizar todas as agressões sociais que atingem as mulheres negras e que ela, agora percebendo seu poder como mulher negra, demanda representação de suas *features* especiais. Em um passeio por uma livraria, ela analisa revistas que ditam a moda para as mulheres - típicos símbolos de dominância social que prescrevem como todas as mulheres devem ser. Ifemelu analisa a forma como as mulheres negras não são mostradas nas revistas e logo, não são vistas pela sociedade.

E, o que mais chama atenção, é a forma como o cabelo crespo não é nem considerado como válido por aqueles que prescrevem os padrões de beleza vigentes. O fragmento ilustra a falta de consideração com o cabelo crespo: “(...) esta fala dos melhores condicionadores – para cabelo liso, cacheado e encaracolado. Não crespo. Está vendo o que eles chamam de cabelo encaracolado? Meu cabelo nunca fica assim.” (ADICHIE,2013, p.320)

A sua indignação com tal falta de representatividade a impulsiona a escrever um e-mail desabafando para sua amiga Wambui, e neste ela expõe sua frustração que é avaliada pela amiga como “cru e verdadeiro” (ADICHIE,2013, p.320) e tais precisavam ser compartilhados, “mais pessoas deveriam ler. Você devia fazer um blog” (ADICHIE,2013, p.320).

A capacidade de tornar público a sua posição de marginalização na sociedade é o passo final no processo de empoderamento de Ifemelu. Após se perceber representada, em sua comunidade online, ela começa a querer verbalizar suas percepções sobre o assunto e assim, atestando o que Horochovski e Meirelles (2007) caracterizam sobre o empoderamento, em que o indivíduo ganha a capacidade de ter “controle sobre suas vidas e participam democraticamente no cotidiano de diferentes arranjos coletivos e compreendem criticamente seu ambiente.” (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007, p.486).

Nesse sentido, Ifemelu afirma-se socialmente e se apresenta empoderada quando começa a registrar em seu blog suas reflexões sobre o cotidiano que a cerca. Ela se torna uma voz para a minoria que representa e, além disso, sua habilidade de escrita a torna uma

voz reconhecida dentro do mundo paralelo dos blogs. Ela embarca nesse novo meio de interação humana pois “ansiava por ouvintes e ansiava por ouvir histórias alheias” (ADICHIE,2013, p.320).

O compartilhamento de histórias online, como forma de dar apoio ou como forma de desabafo, gera uma comunidade de apoio para diversas mulheres, que como a personagem, buscam representatividade de suas características naturais e que não as veem em plataformas que difundem padrões de beleza - como a televisão, revistas e outros - pouca alusão a beleza das mulheres negras. Como Santos (2015) declara:

Há atualmente um interesse comum no ramo específico da beleza relativa ao cabelo natural, que tem gerado colaboração e *sororidade* entre mulheres negras, pois apesar de não ser um terreno majoritariamente ocupado por elas, “os laços que essas mulheres, a princípio desconhecidas, criam entre si podem muitas vezes ser invisíveis e distantes, mas também podem culminar em parcerias que despertam debates políticos e *sororidade*”. (SANTOS, 2015, p.20)

O termo *sororidade*, não existente na língua portuguesa, significa “irmandade entre mulheres” e busca explorar as relações entre mulheres para que, juntas, possam sair da marginalização e se tornarem figuras centralizadas socialmente, juntas. (SANTOS, 2015). Esse processo não é simplista e representa muito para as mulheres envolvidas. Nas palavras de Davis (1989) “o processo de empoderamento não pode ser definido de forma simplista [...] precisamos aprender a erguer-nos enquanto subimos” (DAVIS,1980, p.239).

Assim, Ifemelu se torna uma mulher empoderada ao perceber que pode apreciar suas características naturais de mulher negra, e isso envolve amar seu próprio cabelo. Ao encontrar uma comunidade que a apoia e lhe permite, sem julgamentos, ser ela mesma, a personagem encontra a coragem de se tornar protagonista de sua própria vida, sem acreditar nos estereótipos ou normas sociais impostas a ela. Ao compreender seu valor como mulher, com seu cabelo crespo e sua pele negra, ela começa a perceber a falta de representatividade e chama para si o desafio de provocar um diálogo sobre, por meio de um blog. Com tal, ela encontra a outra faceta do empoderamento que é, nas palavras de Davis (1980), “a possibilidade de obter um sustento adequado”. (DAVIS,1980, p.218). Assim, Ifemelu representa a mulher negra e jovem que passa por um processo de empoderamento, com o

apoio de um grupo de mulheres, ela consegue dominar a si mesma, se levantar e se sustentar sozinha sob seu próprio trabalho.

4- Considerações Finais

O processo de empoderamento feminino, no romance *Americanah*, é refletido pelo cabelo da personagem Ifemelu. O cabelo da protagonista simboliza diretamente seu processo de autoconhecimento e amadurecimento como mulher negra. A personagem transporta o leitor pela trajetória de luta por representatividade, tão comum e verossímil, dentro e fora do mundo literário. Existe um aparato social que pressiona o indivíduo a pertencer as instâncias sociais estabelecidas pelas relações de poder vigentes. Em um país como os EUA, o aparato social lucra ferreamente com o padrão social imposto as mulheres. Existe um mercado que prescreve como as mulheres devem se comportar, agir e parecer.

Para manter a ordem de poder vigente, os indivíduos são pressionados a pertencerem aos padrões de beleza, de comportamento e de pensamento impostos pela sociedade. Quando os indivíduos se impõem e exigem apreciação por suas individualidades, nasce um movimento de resistência. Esse, de acordo com Foucault (1979), é inseparável do poder, pois o movimento de resistência é a força contrária a força do poder social. O romance *Americanah* ilustra por meio de sua protagonista, Ifemelu, um movimento de resistência feminina. A personagem ultrapassa barreiras pessoais e sociais e passa a apreciar e amar suas características de mulher negra.

Ao assumir completamente suas características identitárias, por meio de seu cabelo, ela indaga quantas mulheres se tornaram negras nos EUA (ADICHIE, 2013, p. 320). Essa pergunta faz a personagem reavaliar como a comunidade negra é vista no país e em especial como as mulheres negras são vistas em um país que elevou um homem negro ao posto de maior poder do mundo ocidental.

Ela começa a problematizar sua condição de minoria de forma a tentar aumentar a comunidade de mulheres que lutam por representatividade social. Seu processo de empoderamento começa com perceber a beleza de seu cabelo e descobrir que existe uma comunidade de mulheres que apreciam umas às outras por suas cabeleiras. Depois desse passo, ela cria seu blog como forma de manifestar e aumentar a comunidade de mulheres, e homens, que buscam entender o poder do corpo negro para a sociedade. Por meio de seu blog ela encontra uma fonte de renda em um mercado em expansão. Ela se torna

pessoa, política e economicamente empoderada e assim, completamente representante de si e porta voz de uma minoria que luta para existir dentro das relações de poder vigente.

Assim, Ifemelu percorre um caminho de construção de autoestima e de identidade. Ela tenta encontrar pertencimento dentro do padrão de beleza vigente, mas acaba encontrando a beleza e a adequação dentro de seus próprios padrões e dentro de si mesma. Com o apoio de uma comunidade ajudando-a a construir os degraus da aliança feminina, a personagem demonstra que, como na realidade, apenas a empatia e o companheirismo de um grupo podem levar o indivíduo à conquista de seu auto empoderamento.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução Julia Romeu. Companhia das Letras. 2013.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. [Recurso eletrônico] Tradução Christina Baum. Editora Schwarcz S.A. 2014.

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. *Michel Foucault e a teoria do poder*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 105-110, outubro de 1995.

AMORIM, Maria Christina Sanches. PEREZ, Regina Helena Martins. *Poder e liderança: as contribuições de Maquiavel, Gramsci, Hayek e Foucault*. Revista de Ciências da Administração. v. 12, n. 26, p. 189-220, jan/abril 2010.

DANNER, Fernando. *A genealogia do poder em Michel Foucault*. Doutorado. Programa de Pós-graduação em Filosofia e Ciências Humanas. PUC-RS. IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação – PUCRS, 2009.

DAVIS. Angela. *Mulheres, Cultura e Política*. [Recurso eletrônico] Angela Y.Davis, 1989. Tradução Heci Regina Candiani. 1.ed. São Paulo. Boitempo.2017

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder. Organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado*. [Recurso eletrônico] Disponível em: <https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder_-_Michel_Foulcault.pdf>. Acesso em: 06/05/2018.

FREITAS. Ana. *A origem do conceito de empoderamento, a palavra da vez*. Nexojornal. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/06/A-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez>>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

Half of a yellow sun. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2006. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Half_of_a_Yellow_Sun>. Acesso em: 16 de maio de 2018.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi. MEIRELLES, Giselle. *Problematizando o conceito de empoderamento*. Anais do II seminário nacional Movimentos sociais, participação e Democracia. Universidade Federal Santa Catarina. Florianópolis, 25-27 de abril, 2007.

MATTOS. Ivanilde Ivy Guedes. *Estética Afro-diaspórica e o empoderamento crespo*. Revista ponto de interrogação. UNEB. 2015.

NIXON, Rob. *A Biafran story*. Sunday book review. The New York Times. Oct 1,2006
Disponível em: < <https://www.nytimes.com/2006/10/01/books/review/Nixon.t.html> >.
Acesso em: 16 de maio de 2018.

PASSOS, Elizete. *Gênero e sua aplicabilidade*. Seminário de aprofundamento do trabalho com gênero no pró-gavião. Vitória da Conquista. 16-18 de junho,2000.
Disponível em: < <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/textosapoio2.pdf> >. Acesso em: 20 de março de 2018.

PAUL, Dairan. Na América, Ifemelu se descobriu negra. Revista O véis.17 de jan,2016.
Disponível em: <<http://www.revistaovies.com/outros/2016/01/na-america-ifemelu-descobriu-se-negra/>> . Acesso em: 20 de junho de 2018.

Purple hibiscus. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2006. Disponível em:
< [https://en.wikipedia.org/wiki/Purple_Hibiscus_\(novel\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Purple_Hibiscus_(novel)) >. Acesso em: 16 de maio de 2018.

SANTOS, Nádia Regina. *Do Black Power ao cabelo crespo: a construção da identidade negra através do cabelo*. Monografia. Universidade de São Paulo. Dezembro, 2015.

The thing around your neck. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2006.
Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/The_Thing_Around_Your_Neck >.
Acesso em: 16 de maio de 2018.

We should all be feminists. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2006.
Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/We_Should_All_Be_Feminists >. Acesso em: 16 de maio de 2018.